

17

---

## **Economia cotidiana na favela**

---

EUGÊNIA MOTTA

## RESUMO

*Com o objetivo de mostrar a importância de um olhar antropológico sobre a economia, são apresentados alguns resultados de uma pesquisa etnográfica realizada no Complexo do Alemão, conjunto de favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro. Discutem-se as principais representações sobre a favela e sua economia, marcadas por uma perspectiva normativa. São expostas algumas das bases teórico-metodológicas da pesquisa etnográfica. Os resultados da pesquisa se organizam em torno de quatro questões: (i) formas pelas quais se constituem novas casas; (ii) usos do dinheiro, com atenção especial à separação do “dinheiro da casa” e aos circuitos específicos em torno da lógica de identificação entre formas de ganhar e de gastar; (iii) a relação entre as estratégias para se ganhar dinheiro e a possibilidade de transformar os espaços construídos; (iv) algumas observações sobre venda, compra e aluguel de casas. Conclui-se com a discussão de pontos relevantes para o diálogo com a questão do desenvolvimento.*

## ABSTRACT

*With the aim of showing the importance of an anthropological view of the economy, we present the results of an ethnographic research conducted in the “Complexo do Alemão”, a cluster of shantytowns in the Northern Zone of Rio de Janeiro. The research discussed the main representations on the shantytowns and its economy, from a normative perspective. Some of the theoretical and methodological grounds for the ethnographic research are presented. Findings are organized around four issues: (i) how new houses are built; (ii) use of the money, especially the separation of “house money” and the logic behind identifying how to earn and how to spend; (iii) the relationship between the strategies to earn money and the possibility of changing already-built spaces; (iv) some remarks on selling, purchasing and renting houses. The research concludes by discussing important points to foster the debate on development issues.*

## INTRODUÇÃO

O Complexo do Alemão é um conjunto de favelas localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, onde realizo trabalho de campo desde 2012. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, cuja

principal preocupação é compreender a economia cotidiana da favela. Neste capítulo, são apresentados alguns resultados da pesquisa e ao mesmo tempo é mostrado como a perspectiva antropológica pode tornar visíveis práticas e questões que ajudam a pensar o desenvolvimento, especialmente no caso de se tratar de colocar as pessoas no centro das políticas.<sup>1</sup>

As favelas são uma realidade em todas as grandes cidades do país e em muitas das médias e até pequenas. Se por algum tempo foi possível imaginar sua eliminação, hoje são uma forma urbana consolidada. Pensar o desenvolvimento nas cidades sem pensar a favela é ignorar uma grande parte da população e uma forma de ocupação do espaço urbano que está integrada à história e à organização de toda a cidade.

Valladares (2000; 2005) mostrou que, desde as primeiras vezes em que foi tema de reflexão e que foi nomeada como lugar na cidade, a favela foi tratada como um problema, um local de exceção e carências (segundo algumas narrativas, a fonte dos problemas da cidade). Essa perspectiva normativa marcou desde sempre e marca até hoje esses lugares, pensados a partir do que não são – e deveriam ser – e pelo que lhes falta. A formulação mais comum, presente, diga-se, em perspectivas de matizes políticos muito variados, é a da “ausência do Estado”. Esse tipo de perspectiva, além de ter caráter estigmatizador, é também redutor. O que proponho aqui pretende se afastar destas normatividades e oferecer um olhar positivo sobre estes lugares e as pessoas que neles vivem, ou seja, uma descrição de como as coisas acontecem na realidade e de como são percebidas por seus protagonistas.

A perspectiva normativa também produziu uma imagem da favela como um lugar homogêneo tanto internamente quanto

---

<sup>1</sup> Estes e outros resultados da pesquisa foram explorados com mais detalhe e com apresentação de material etnográfico mais extenso em artigo publicado na revista *Vibrant* em junho de 2014 [Motta (2014)].

entre diferentes favelas. De fato nelas existe uma diversidade grande tanto em termos de renda, de acesso a serviços públicos, por exemplo, quanto em relação às formas de morar, e de se ganhar dinheiro. Entre as favelas existem também diferenças marcantes. Para chamar a atenção para apenas um aspecto entre tantos outros, o Complexo do Alemão, por exemplo, não pode ser pensado sem se considerar a relação com as fábricas que havia na região e que atraíram grande parte dos primeiros moradores da área. Esse não é o caso da maior parte das favelas da Zona Sul, cujo principal foco de ocupação dos moradores era a prestação de serviços nos bairros ricos da cidade.

As visões e estigmas ligados às favelas também se nutrem das ideias sobre a pobreza em geral. Esse é o caso de uma parte dos estudos sobre famílias nas classes populares no Brasil – mas também em outros países – que pretendem analisá-las a partir de seu não enquadramento no modelo da família tradicional e burguesa. Como mostrarei adiante, as relações familiares são cruciais na economia cotidiana da favela, e a compreensão de como esses laços são construídos no dia a dia é fundamental para entender a circulação de objetos e dinheiro, além das formas como as pessoas ganham a vida e planejam o futuro.

A questão que mais interessa aqui – a economia – é um tema quase ausente nos estudos sobre as favelas. Praticamente não existem trabalhos sobre o assunto no que diz respeito a esses lugares. Os termos “pobreza” e “informalidade” parecem bastar para se falar sobre o tema. Eles ocultam uma grande complexidade e diversidade e uma série de dinâmicas que em nada se aproximam da total ausência de ordem que algumas visões sugerem.

Nos últimos anos, com o evidente aumento da renda entre as chamadas classes populares, assistimos à descoberta dos pobres como consumidores. A chamada “pacificação”, apresentada pelos governos como uma nova forma de policiamento nas favelas, trouxe consigo uma série de novos atores, alguns deles

preocupados em desenvolver as capacidades “empreendedoras” dos moradores. O consumo e o empreendedorismo são as duas principais vertentes de um novo olhar sobre as favelas cariocas e sobre sua economia. A euforia com fenômenos recentes apresentados especialmente na imprensa, mas também por especialistas, como novidades revolucionárias ignoram o passado. Nas ruas do Complexo do Alemão, por exemplo, ouvindo a história de vida das pessoas, fica claro que os negócios – ou empreendimentos – há gerações fazem parte da forma como se ganha dinheiro e se sustentam as famílias.

Essas são algumas ideias que uma perspectiva a partir da vida concreta das pessoas permite desfiar. A etnografia, estratégia metodológica por excelência da antropologia, tem como base a tentativa de descrever os processos sociais da forma mais próxima possível de como eles são vividos pelas pessoas.

Apresentarei a seguir os principais resultados da pesquisa feita em uma comunidade aqui chamada de Aliança.<sup>2</sup> Depois de descrever brevemente o Complexo do Alemão e especificamente essa comunidade, serão tratadas quatro questões relevantes para a reflexão sobre o desenvolvimento. Primeiramente será mostrado como uma nova casa<sup>3</sup> é criada, revelando que o cuidado por uma casa se transforma em uma relação entre casas. Isso para exemplificar um dos tipos de relação entre casas numa configuração. Nesse ponto ficará clara a ligação entre as relações familiares e as formas de ocupar os espaços, assunto importante quando se trata de entender as favelas.

---

<sup>2</sup> Os nomes da comunidade e de todas as pessoas referidas no texto são fictícios.

<sup>3</sup> Os conceitos de casa e configuração de casas utilizados aqui foram inspirados no uso feito por Marcelin (1996). Segundo o autor: “A casa não é somente um bem individual transmissível, uma coisa, um bem familiar, uma ideologia. Ela é uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade. Ela também não é uma entidade isolada, voltada para si mesma. A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção – no sentido simbólico e concreto” [Marcelin (1999, p. 37)]. Essa formulação, por sua vez, se nutre da de “*maison*” de Lévi-Strauss (1991), discutida, por exemplo, em Carsten e Hugh-Jones (1995). Para um detalhamento do uso feito pela autora, ver Motta (2014).

A segunda questão é a do uso do dinheiro. Partindo do “dinheiro da casa” será explicado como o dinheiro é separado para usos específicos, havendo em várias situações uma lógica que identifica formas de ganhar e gastar dinheiro, promovendo verdadeiros circuitos – de objetos e dinheiro – relativamente autônomos.

O terceiro ponto a destacar é a relação entre o que chamo de mutabilidade das casas e as estratégias para se ganhar dinheiro. A possibilidade de transformar espaços construídos é um elemento que participa de maneira central na forma como as pessoas combinam negócios e modalidades de trabalho assalariado, por exemplo, de forma simultânea ou ao longo da vida.

Em quarto lugar são apresentadas algumas considerações sobre a negociação das casas, seja por compra e venda ou por meio de aluguel. O mercado imobiliário no Complexo do Alemão é pujante, e muitas pessoas estão envolvidas na negociação comercial desses espaços, que é uma importante fonte de dinheiro. Os instrumentos envolvidos nessas vendas e aluguéis permitem pensar sobre a combinação de diferentes regulações – estatais e não estatais – que participam da conformação desse mercado, pondo em xeque a dicotomia radical entre formalidade e informalidade.

## **COMPLEXO DO ALEMÃO, UM LUGAR DE DIVERSIDADE**

Situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o início da ocupação do que hoje se chama de Complexo do Alemão data do início do século XX [Ipea (2013)]. Está localizado no Subúrbio da Leopoldina, referência ao ramal da linha férrea em torno da qual cresceram os bairros de Ramos, Inhaúma, Olaria e Bonsucesso. Hoje, das muitas fábricas que antes ocupavam a região, restaram de grande parte apenas os nomes que servem de referência de localização. “Coca-Cola”, “Poesi” e “Castrol” são lugares de referência para os moradores e frequentadores do Complexo do Alemão, mas as fábricas não existem mais.

Junto ao Complexo da Penha, o Complexo do Alemão forma um contínuo de ocupação que se estende por grande parte da Serra da Misericórdia. Muitos moradores discordam de forma veemente dos dados oficiais gerados no Censo Demográfico de 2010 pelo IBGE, segundo o qual vivem lá 60.583 pessoas em 18.442 domicílios. O número de favelas ou comunidades<sup>4</sup> que compõem o Complexo do Alemão varia segundo a fonte, mas são 14 as principais localidades segundo as quais os moradores o dividem: Morro Alemão, Pedra do Sapo, Grotta, Canitar, Alvorada, Palmeiras, Nova Brasília, Fazendinha, Casinhas, Relicário, Morro dos Mineiros, Matinha, Morro do Adeus e Morro da Baiana.

A comunidade da Aliança se estende desde uma grande e movimentada avenida até o alto de um morro. Ruas asfaltadas e de mão dupla cruzam a favela por onde circulam moto-táxis, kombis, caminhões. Mas as ruas não são o único espaço para se circular. Becos, escadas e passagens entrecortam todo o lugar sem ordem aparente. Por estes circula-se a pé e eventualmente de moto. Os espaços abertos são raros e alguns abrigam quadras e pequenas praças. Alguns desses espaços foram construídos nas recentes intervenções urbanísticas que tiveram lugar no Complexo.

Algumas casas têm dois ou três andares e acabamento de azulejos. Outras não têm reboco, deixando tijolos e vigas aparentes. No alto do morro, há casas de madeira, muitas vezes formadas por um único cômodo e frequentemente sem banheiro. Na geografia da favela, quanto mais altas, mais baratas são as casas e mais pobres são consideradas as pessoas que nelas moram. A precariedade de saneamento e de fornecimento de água encanada é um dos fatores dessa diferenciação, além da maior distância em relação às vias que permitem o deslocamento para outras áreas da cidade.

---

<sup>4</sup> Ambas as palavras são usadas pelos moradores para se referir ao lugar em que vivem. O uso de uma ou outra é situacional e depende de quem é o interlocutor e do assunto, sendo que "comunidade" é usada mais comumente nas conversas cotidianas.

Com o tempo se aprende que uma porta a partir da rua pode levar para dentro de uma casa, mas também a corredores, às vezes corredores sucessivos onde há várias casas. Há também vilas cujos portões impedem a ligação com o espaço de circulação pública – rua ou beco. Essa geografia interna não é visível a distância, parecendo, muitas vezes, vista do alto, que não há nenhum espaço para se andar entre as construções. Um forasteiro se perde facilmente.

Existe uma grande quantidade de lojas, salões de beleza, oficinas e lanchonetes nas ruas da Aliança. É possível comprar diversos tipos de roupas, produtos de beleza, alimentos, materiais de construção e celulares e mandar consertar praticamente qualquer coisa. Nos becos também há pequenos bares, lojinhas e é comum ver cartazes nas portas das casas anunciando que se fazem consertos em roupas ou salgados para festa.

As ruas são bastante movimentadas, especialmente aquelas por onde circulam kombis e motos. Nos horários de entrada e saída das escolas, elas são tomadas por crianças uniformizadas. E, no fim da tarde, por homens e mulheres, muitos também de uniforme, subindo o morro, chegando do trabalho, e outros descendo para ir às igrejas que se espalham por toda a favela. Os policiais da Unidade de Polícia Pacificadora também estão sempre visíveis na rua principal, e a quantidade de armas portadas e a posição dos carros variam conforme o dia.

Com casonas e barracos, ruas largas e asfaltadas e becos estreitos, grandes mercados e pequenas lojinhas, a Aliança é um lugar de enorme diversidade. Essas diferenças são tanto mais percebidas quanto mais próximo se está da vida cotidiana das pessoas.

## COMO SE FAZ UMA NOVA CASA

A forma como novas casas se constituem na Aliança permite compreender como os laços entre as casas são construídos. A assimetria presente nas relações de cuidado na casa é a base



para as relações entre a nova casa e aquelas das quais se origina, incluindo moralidades e obrigações mútuas. O ideal de autonomia é central na construção de uma casa, além do cuidado e da responsabilidade sobre o comportamento dos jovens.

Quando se casaram, cada uma das duas filhas de Maria teve ajuda – é essa a palavra usada – dos pais e dos sogros para comprar e melhorar suas casas. Maria deu de presente alguns móveis comprados com cartão de crédito e emprestou uma quantia de dinheiro. A mãe fez questão de que as duas fossem morar na mesma rua que ela. As casas ficavam a menos de dez metros uma da outra.

Certa vez Maria estava perto de casa quando encontrou José, irmão de Antônio – seu marido. Num tom zombeteiro, disse ao cunhado: “Fiquei sabendo que Márcia já está grávida...” A moça a que Maria se referia era a namorada do filho de José. O cunhado, sobressaltado, respondeu: “Quem te contou isso?” e completou sério: “Já estou fazendo uma casa para eles!” Algum tempo depois os namorados se casaram, antes de o bebê nascer, numa festa na casa dos pais do noivo. Isso aconteceu tão logo a casa que estava sendo construída foi considerada suficientemente pronta para que fosse habitada.

A ajuda na construção ou compra de uma casa pelos pais de um novo casal pode ser feita em dinheiro ou em material de construção. Isso é comum na Aliança, e outras pesquisas descrevem processos semelhantes em favelas e outras localidades.<sup>5</sup> Uma nova casa é fruto de uma ou duas outras casas e a elas permanece ligada. É comum que os jovens casais continuem a receber presentes e ajuda financeira dos pais por longos períodos. Os que são cuidados (comumente os filhos) constituem novas casas com ajuda da casa dos pais, determinando ao mesmo tempo o fim dos cuidados e abrindo a possibilidade de cuidarem eles de outros: seus próprios filhos e, futuramente, por exemplo, pais idosos ou parentes enfermos.

---

<sup>5</sup> Ver Cavalcanti (2007) e McCallum e Bustamente (2012).

Quando uma mulher engravida antes de ter constituído uma casa (de se casar), os pais, geralmente do rapaz, se sentem obrigados a “montar uma casa” para o novo casal e, mesmo que estes não tenham condições de se sustentar, os pais deles (geralmente o pai do rapaz) fazem todo o esforço para que se constitua uma nova casa. Isso inclui, dependendo dos meios disponíveis – dinheiro, terreno – se esforçar também por delimitar espaços físicos e dar a eles a aparência concreta de autonomia que uma nova casa tem socialmente.

A casa é a delimitação de um espaço – físico, sempre que possível – onde o cuidado é central na assimetria em que se baseiam tanto as relações que constituem a casa, quanto a relação que esta tem com sua(s) casa(s) de origem. Apesar de os dois exemplos envolverem pais e filhos e de estas serem as posições dos membros da casa originária e da nova casa respectivamente, o que se deseja mostrar aqui é que não existe modelo de obrigações entre pais e filhos, mas que o fundamento das casas e de suas relações são as assimetrias, base da interdependência que as constitui. A lógica dessas relações não está baseada num vínculo físico de origem (pais e filhos), mas em relações construídas cotidianamente e ao longo do tempo.

Os ideais de autonomia das casas e as obrigações e interdições em relação a outras casas envolvem moralidades e parte importante das fofocas e da construção de reputações – boas ou ruins – acontece em torno delas. A história da gravidez de Márcia fora contada em tom de fofoca e como algo depreciador para as famílias. O que se considera desejável é que o casal, antes de ter filhos, tenha uma casa. José se apressou em garantir que isso acontecesse. Algumas mães contaram com orgulho que suas filhas só engravidaram depois de terem suas casas.

A ideia de que uma casa deveria ser composta de pai, mãe e seus filhos participa na conformação material e simbólica da casa, combinando ideias de autonomia e de espaço de cuidado.

Essa representação nativa<sup>6</sup> não pode se confundir com o modelo de família nuclear no qual se baseiam visões normativas. McCallum e Bustamante (2012) chamam a atenção para a distinção necessária entre representação nativa e essencialização analítica, que é a base para a classificação das famílias pobres como anômalas. É preciso pôr de lado a visão normativa da família no nível analítico e ao mesmo tempo prestar atenção às noções nativas de normalidade e anormalidade. Situações consideradas vergonhosas ou indesejáveis mostram como os princípios de cuidado, responsabilidade e assimetria estão na base das concepções nativas de normalidade e anormalidade. O casal com filhos é uma modalidade ideal daquilo que é considerado normal e é socialmente aceito.<sup>7</sup>

Cuidar envolve também a responsabilidade de quem cuida sobre a conduta de quem é cuidado. Os jovens que se considera que “fazem coisa errada” – envolvimento com o tráfico de drogas, roubos, consumo de drogas – causam vergonha aos que se espera que cuidem deles. A má conduta dos jovens pode ser atribuída à forma como foram “criados”, como uma falha no cumprimento das responsabilidades de cuidar. Quando os que cuidam têm uma reputação indiscutivelmente positiva na comunidade como “trabalhadores” considera-se que o problema é uma falha de caráter do próprio jovem. Por outro lado, algumas famílias carregam a fama de “família de bandidos”, das quais se diz ser apenas uma questão de tempo para que os jovens se envolvam “com coisa ruim”.

<sup>6</sup> A palavra nativo (ou nativa) – como adjetivo – tornou-se um jargão na Antropologia. Ela tem como objetivo caracterizar usos, formas de falar e pensar que são característicos das pessoas com quem se faz pesquisa no campo, geralmente para as diferenciar daquelas utilizadas pelo pesquisador na análise. Essa discussão sobre ideias de família é um bom exemplo de uma situação em que essa distinção é necessária.

<sup>7</sup> McCallum e Bustamante (2012) mostram que a representação nativa da família nuclear como “normal” participa na configuração de casas, permitindo às casas reconhecidas nessa categoria estabelecer relações com outras.

Maria e Antônio quando vieram para o Rio de Janeiro foram inicialmente morar na casa do irmão de Antônio, que já vivia no Complexo do Alemão. Durante esse tempo, coube a José acolher o irmão mais novo, sua mulher e seus dois filhos, compartilhando não apenas a moradia, mas também a comida e os cuidados com as crianças. O irmão recém-chegado era o caçula da família, podendo ser colocado momentaneamente como alguém a ser cuidado e, por extensão, sua família. Essa foi uma forma muito comum de criar novas casas na favela, ligada ao deslocamento de pessoas de outros lugares do estado do Rio de Janeiro e de outros lugares do país.

Essa forma de criação de novas casas relaciona-se com configurações de casas que ultrapassam aquelas cujas construções se encontram próximas. Muitas casas no Complexo do Alemão foram constituídas através de configurações com casas em outros estados. Uma localidade em particular, por exemplo, concentra casas que pertencem a configurações com uma localidade específica em outro estado brasileiro. Todo fim de ano, os moradores alugam dois ônibus e viajam para passar as festas com os parentes das casas desta cidade.

Da configuração de casas aqui tratadas também participam as casas do “sítio”, no qual vive a família de Antônio, no interior do Pernambuco. Esse elo é representado por Maria pela relação com uma casa em particular: a que o casal construiu quando morava no Nordeste, “dada” a uma irmã de Antônio depois que eles vieram para o Rio de Janeiro. Essa é a casa que Maria trata ainda como “dela” e onde fica hospedada quando vai com o marido visitar a família.

Trabalhos sobre migração de áreas rurais para a cidade mostraram como a relação entre as casas no campo tem uma continuidade nas novas casas nas áreas urbanas, tanto no que diz respeito à sua forma de organização, quanto a relação que mantém com as casas nos seus locais de origem. Esse é o caso da casa de Maria, tanto na sua origem quanto na relação que

mantém com o sítio onde moram os pais de Antônio e parte de seus irmãos e irmãs.

As configurações de casas são fundamentais para entender a economia cotidiana na Aliança, porque é nelas que circulam uma grande quantidade de objetos, alimentos e dinheiro. Todos os elementos que circulam são a forma própria de construir os laços de parentesco: no cotidiano.

## DINHEIRO DA CASA

Na Aliança existem distinções no uso do dinheiro. Elas estão baseadas na centralidade da casa por meio da separação do “dinheiro da casa”. Circuitos de produtos e dinheiros estão baseados na identidade entre formas de ganhar e de gastar. Assim, por exemplo, o dinheiro ganho com a venda de cosméticos é usado para pagar produtos similares e dinheiro ganho com aluguel é usado para pagar aluguel.

Maria vende produtos da Natura. O sistema da empresa funciona da seguinte maneira: a pessoa se habilita a ser uma “consultora” e passa a receber revistas com os produtos. Os clientes escolhem o produto na revista em que consta o preço de cada um. A consultora então faz o pedido dos produtos por telefone ou internet e os recebe na sua casa, entregando depois aos clientes. Com os produtos ela recebe um boleto de pagamento referente a eles. O preço pago pelo cliente é 30% maior que o pago pela consultora, o resultado da diferença é o ganho com a venda. As consultoras têm uma cota mínima de venda por mês para garantir sua continuidade na atividade.\*

Maria não ganha muito dinheiro com essa atividade, mas aproveita o fato de poder ter acesso a certo tipo de produto por um preço mais baixo do que o que pagaria como consumidora final. Certo dia estava olhando a caixa que recebera com os produtos da Natura. Ela me contou que comprou várias coisas para ela e o marido, mas que o valor da compra era quase igual ao do lucro com a venda dos produtos que encomendou para outras pessoas (que pagam o valor da revista, 30% maior do que o que ela paga).

**Explicou: “No final, por tudo isso eu só vou dar dez reais. Não vou usar dinheiro da casa para comprar essas coisas!”**

\* Existem estratégias conjuntas entre consultoras que são amigas para garantir que elas preencham a cota mensal necessária. É comum que uma vendedora que não conseguiu encomendas suficientes peça a uma amiga para fazer pedidos através dela. Ou seja, elas fazem uma distribuição dos pedidos de forma a garantir as cotas de cada uma. Além disso, quando têm problemas com os pedidos ou uma cliente encomenda algo logo depois de ter seguido o pedido para a Natura – o que implicaria ter que esperar até o mês seguinte para fazer o novo pedido – elas também recorrem a outras amigas para atender à clientela.

O “dinheiro da casa” é o que garante o pagamento das despesas permanentes (no caso de Maria, a internet, a televisão a cabo, o telefone e o gás), a comida, produtos para limpeza e alguns produtos de higiene pessoal. Tanto parte do dinheiro – que no caso de Maria vem do salário do marido – é marcada como “da casa”, como o lucro com a venda de produtos da Natura já vem marcado para gastar com produtos da Natura para ela mesma e o marido. Mesmo que venha do salário do marido também não se considera que essa parte do dinheiro pertença a ele individualmente. Ele está destinado a manter uma unidade que não apenas serve à manutenção da vida dos dois moradores, mas também está ligada às outras casas, cujos membros, por exemplo, vão fazer refeições e consomem comida comprada com dinheiro da casa.

É entre o recebimento individualizado do salário e sua transformação em dinheiro da casa que se encontra uma das acusações mais graves que se pode fazer à honra de um homem. Mais grave que a acusação de traição e adultério – tolerada tanto pela esposa quanto socialmente em alguns casos – é a acusação de “tirar dinheiro de casa” para dar à amante. Por outro lado, várias mulheres relataram, entre uma e outra consideração sobre alguma agressão sofrida ou proibições de sair de casa, por exemplo, que o fato de o marido “não deixar faltar nada em casa” era motivo para continuar com ele e eventualmente obedecê-lo. Ser o provedor do dinheiro da casa tem um valor moral para a maioria dos homens e, para alguns, ser o único, é questão

inegociável. Diversas mulheres contaram que os maridos as proibem de trabalhar. Todas diziam que o marido tinha “ciúmes” e que desconfiariam que o dinheiro trazido pelas esposas pudesse vir de outros homens, seus amantes. A desconfiança em relação à conduta sexual das mulheres é usada pelos homens como justificativa para as manterem em casa.

Maria paga 500 reais pelo aluguel do espaço onde funciona seu projeto social. Seu marido ganha 800 reais. O aluguel que paga pelo espaço onde funciona o projeto custa 500 reais. Maria não tem hoje outra fonte de dinheiro e o projeto não tem financiamento. Isso significaria que, colocando em termos propriamente orçamentários, uma boa parte dos ganhos mensais do casal é usado para sustentar o projeto. Mas o dinheiro gasto com o aluguel do espaço do projeto é pago com o dinheiro que é recebido pelo aluguel de uma casa que Maria e Antônio compraram pouco antes da criação do projeto.

Nota-se aqui uma separação dos dinheiros que faz com que aluguel seja pago com dinheiro de aluguel. Mesmo considerando que “nunca esteve tão dura”, o dinheiro que recebe por um aluguel e paga por outro não é concebido como passível de se transformar em “dinheiro da casa”.

Lembrando também a separação do dinheiro ganho com a venda de produtos da Natura, o que se pode constatar é a existência de circuitos específicos em que os usos do dinheiro relacionam a forma de ganhar e o que se compra (ou se paga) com ele pela proximidade entre objetos (não coisas necessariamente, mas serviços e aluguel, por exemplo) vendidos e comprados. Assim como mostra Zelizer (1994), o uso do dinheiro envolve a separação e marcações, obrigações e restrições que afastam a moeda de sua característica supostamente homogeneizadora no que diz respeito a práticas de gestão da casa.

Numa tarde de terça-feira, na sala da casa de Maria, eu conversava com mais três mulheres. Duas delas tinham seus

cinquenta anos e uma tinha menos de trinta. Comentavam como todas já tinham vendido calcinhas, roupas e bijuterias e como lidavam com o fiado e o pagamento dos fornecedores. Contavam também que a época em que vendiam também era a época em que andavam mais arrumadas, porque tinham dinheiro para comprar “coisas para elas”.

Esse tipo de comércio que não está ligado a um espaço específico (uma loja) é uma atividade que muito comumente as mulheres combinam com trabalhos remunerados fora de casa. Esse comércio em geral está ligado às mulheres não apenas como vendedoras, mas como as principais compradoras e ao tipo de produto identificado com o universo feminino. O dinheiro que as mulheres ganham dessa forma também é, em geral, usado para comprar produtos de beleza e roupas ou, então, para poupança, sempre tendo em vista um gasto específico: comprar um carro, melhorar a casa ou fazer uma cirurgia plástica. Usar dinheiro da venda desses produtos para comprar produtos semelhantes ou percebidos como “de mulher” demonstra circuitos de circulação de objetos e dinheiro propriamente femininos.

Com base nesses dados, pode-se concluir que qualquer análise que trate do “orçamento doméstico” como uma organização de entradas e saídas é, no mínimo, parcial. As pessoas não fazem a gestão do dinheiro nem usando nem como se usassem uma planilha de dupla entrada. Se também não é possível ver racionalidade instrumental no uso dos recursos, tampouco ele é caótico.

## OS NEGÓCIOS E AS CASAS: ESPAÇOS MUTÁVEIS

Vários trabalhos evidenciam como as construções se relacionam com os ciclos domésticos, ou seja, os diferentes momentos na vida coletiva de um grupo familiar. Cavalcanti (2007) mostra por seu lado tanto a construção de uma vila com várias casas e a relação com o crescimento e casamento dos filhos quanto a relação entre os melhoramentos sucessivos nas casas e a ideia de progresso da família. McCallum e Bustamante (2012) mostram a



relação entre a gravidez e a vinda dos filhos com a construção de novos espaços de moradia a partir da casa de uma mulher. Os aspectos apontados pelas autoras estão presentes na Aliança e representam aspectos da mutabilidade das casas entre os quais estão as possibilidades de melhoramento, de multiplicação, mas também a potencialidade de transformação em espaços de negócio e fontes de se ganhar dinheiro.

A primeira vez que Maria, segundo suas palavras, “botou a mão em dinheiro sozinha” foi quando decidiu vender cuscuz na praia. Maria podia preparar os alimentos em casa e levava eventualmente a filha mais velha a Copacabana para acompanhá-la nas vendas. Uma amiga que já fazia isso ensinou-a a fazer o doce e algumas habilidades sobre a venda que vinham da sua experiência em perceber as oportunidades, ler o clima, perceber as diferentes sazonalidades que faziam aumentar ou diminuir as vendas. A venda de cuscuz inaugurou uma trajetória ligada ao comércio, principalmente de comida. Depois de um tempo com esta atividade, Maria passou a vender dentro da comunidade. Quando já morava na Aliança, comprava sorvetes e vendia na esquina de casa, com um isopor. Gritava oferecendo o produto. Logo depois passou a vender doces na frente de casa e acabou por transformar a sala em uma loja. Durante meu tempo em campo, uma amiga, Zélia, tinha transformado o seu pequeno quintal na frente de casa numa loja de roupas e perfumes. Abria a loja quando não estava trabalhando na casa de uma família na Tijuca. Aquele espaço oferecia a possibilidade de ganhar mais dinheiro que seu salário como cuidadora (tinha carteira assinada), além de possibilitar cuidar da casa, dos filhos e da mãe doente, que moram com ela. Zélia foi demitida porque o senhor de que cuidava faleceu. Com o dinheiro da indenização pagou um curso de cabeleireiro. Já chegando ao fim do curso começou a ser assolada por dúvidas sobre como exercer a nova atividade, especialmente se deveria ou não começar uma sociedade, tendo acabado por decidir começar um negócio sozinha. O espaço que antes abrigava a loja foi transformado então num salão, onde Zélia corta e pinta cabelos, oferece diversos tipos de tratamento e sua filha adolescente faz o serviço de manicure.

Deixar um trabalho fora de casa e passar a trabalhar no comércio dentro da favela não é uma trajetória incomum para mulheres que têm filhos, especialmente filhos homens. Várias delas, que possuem lojas, barracas ou vendem em suas casas, optaram por trabalhar no comércio para ficar perto dos filhos homens quando eles atingiam certa idade. Todas elas se preocupavam em manter as crianças longe de “más companhias” para evitar que fizessem “coisa errada”. Referiam-se mais ou menos diretamente à possibilidade de recrutamento para serviços ligados ao comércio de drogas proibidas.

O medo de que seu filho se torne “bandido” é um dos motivos pelos quais mães passem a exercer atividades perto ou dentro de suas casas, deixando empregos e atividades que seriam consideradas mais “estáveis”. Esse é o caso de uma mulher, professora formada, que dava aula numa escola próxima. Hoje tem uma loja e relatou que o comércio é “uma prisão de portas abertas”, “mas precisa manter seu menino nas suas vistas”.

Aqui também é importante notar que as mulheres percebem que o momento mais crítico em que precisam estar perto dos filhos não é quando são bebês ou crianças muito pequenas, mas quando passam a se deslocar sozinhos, a partir de cerca de dez anos. O medo em relação às filhas meninas vem um pouco mais tarde e está relacionado principalmente ao fato de engravidarem sem ainda terem constituído suas próprias casas.

Tanto no caso de Maria como de Zélia, a possibilidade de transformar espaços da casa em espaços de comércio foi fundamental para que uma nova atividade pudesse ser exercida, permitindo também manter as mulheres perto da casa. Ao mesmo tempo, a indenização que recebeu ao ser demitida foi o que possibilitou um investimento alto e imediato numa nova ocupação. O trabalho assalariado e formal foi a condição para a conversão a outra forma de ganhar dinheiro. A mutabilidade das construções é uma das condições que torna possível a combinação tanto simultânea

quanto sucessiva de diferentes atividades conectadas a estratégias que envolvem responsabilidades e possibilidades relativas às casas e à configuração de casas à qual a sua pertence, entre as quais, o cuidado das mulheres com os filhos.

Aqui é importante assinalar que o que aconteceu com a transformação de espaços da casa em espaços de negócio não significa uma “mistura” entre esses espaços, imagem por vezes veiculada por alguns estudiosos. O que acontece é que as casas são espaços mutáveis e podem eventualmente ser transformadas em lugares cedidos a atividades que não são as atividades de cuidado e de manutenção cotidiana da vida, como cozinhar, dormir, guardar seus pertences. Quando um espaço da casa se transforma numa loja, ele efetivamente se transforma, deixando de ser usado pelos moradores para as atividades da casa. Um mesmo lugar físico passa a poder ser acessado de forma diferente, por exemplo, por pessoas que não têm relações próximas com os moradores e não entram na casa e passam a poder, como clientes, entrar no lugar transformado em loja.

A casa na favela é uma unidade que não é definida pela continuidade física entre paredes ou coberturas em relação ao que se pode ver a partir de fora. A casa é definida pelo lugar que um grupo de pessoas tem como referência para as atividades de manutenção da vida cotidiana, como dormir, comer e cozinhar, tomar banho e guardar seus pertences e estar quando nada mais chama para fora. Sua autonomia é definida por uma porta. Mas nem todas as portas definem casas singulares. Muitas vezes, a partir da rua ou de um beco, se atravessam várias portas e portões até chegar a uma casa.

Difícilmente há ambiguidade para os moradores e os frequentadores sobre os limites entre a casa e a loja. Isso fica claro pelo fato de que, em geral, os calçados são postos próximos à porta para entrar em uma casa, mas, numa loja, não. Os sapatos definem qual porta (entre muitas que se podem atravessar para che-

gar a uma casa) é a porta da casa. Existe um esforço em tornar esse limite o mais evidente possível, com barreiras físicas ou sinais visuais, como cores diferentes nas paredes, que impedem efetivamente passar a casa. É comum a instalação de cortinas entre a loja e a casa, quando os espaços não são divididos por paredes.

## VENDER, COMPRAR E ALUGAR CASAS

A possibilidade de transformar espaços construídos não se dá apenas na transformação de parte das casas em loja. O fracionamento dos espaços é um recurso comum para aumentar os ganhos com a venda e o aluguel de imóveis na favela. Guyer (2004) mostra como o fracionamento sucessivo de produtos permite a multiplicação de ganhos sobre uma mesma quantidade de coisas. Numa cadeia de vendas sucessivas, cada elo pode se beneficiar da venda em quantidades menores, aumentando o ganho relativo. Nesse caso, o fracionamento das construções permite ganhos maiores também, mas, em geral, multiplicando o ganho de uma mesma casa.

José me contou como conseguiu aumentar os seus ganhos quando dividiu ao meio (com uma parede) uma loja grande que tinha e pôde alugar cada um dos espaços por um preço que, somado, era maior do que se alugasse a loja como era antes.

Maria dividiu em duas uma casa que comprou para alugar. A casa era grande e foi transformada em duas: uma com dois quartos, sala, banheiro e cozinha e outra, uma quitinete (um espaço sem paredes para dividir o quarto e uma cozinha e mais um banheiro). Da mesma forma, os aluguéis somados representavam uma quantia maior do que o valor da casa antes da divisão.

Os ganhos provenientes do aluguel de uma casa ou loja são considerados “certos”. Maria relatou uma vez que as casas que alugava eram sua “aposentadoria”. Zélia se refere à casa que aluga para outra família como sua “garantia de que vai ter o que comer”. Além de ser percebida como uma fonte constante

de dinheiro na forma de aluguel, a propriedade da casa garante o que se percebe como o mínimo de dignidade que uma pessoa pode ter: “um teto”.

Desde o início da ocupação do Complexo do Alemão, havia necessidade de se pedir autorização para comprar ou alugar espaços para construir [Ipea (2013)]. Certo tipo de transformação que se considera afetar outras casas é motivo de negociação ou mesmo de brigas entre vizinhos. Existe um intenso mercado imobiliário na Aliança e o aluguel é um elemento importante na economia da favela. Um olhar tanto histórico quanto etnográfico permite perceber que a construção e transformação das construções são altamente reguladas e constituem um mercado pujante.

O regramento e os contratos que regulam as construções e as transações comerciais de imóveis não estão registrados segundo o ideal que se apresenta nos textos de leis e regulamentações estatais. Não se pode considerar, porém, que existe um divórcio completo entre elas, em dois sentidos. Primeiramente é comum que as construções tenham algum tipo de registro em órgãos estatais, fruto de processos de regularização fundiária, por exemplo. Em algumas relações comerciais, existem em algum momento documentos e transferências de dinheiro que passam por circuitos regulados por instrumentos estatais. Em segundo lugar, as regulações, os documentos e processos estatais são comumente tomados como referências segundo as quais as regulações ordinárias são postas em prática. Um exemplo é a existência de contratos escritos de aluguel e de compra e venda, mas que não são registrados nos órgãos que lhe dariam validade oficial.

A partir da observação etnográfica dos usos dos espaços na favela, pode-se reconhecer, portanto, não apenas que existem regulações, mas que estas não se contrapõem à regulação estatal, sendo este um elemento, entre outros, que modula as pos-

sibilidades e restrições com as quais as pessoas lidam para gerir o uso dos espaços.<sup>8</sup>

## CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa permitiram mostrar como é possível enxergar coisas importantes quando se abre mão dos modelos normativos. Onde, segundo certa visão, há desorganização e anomalia, foi possível enxergar um mundo diverso e complexo. Ainda que se trate de um lugar que, sob muitos pontos de vista, é pobre, há uma grande densidade de práticas econômicas.

As pessoas na Aliança não sobrevivem. Elas vivem. Não existe uma concepção da vida como um presente eterno. Planejam o futuro, levando em consideração as oportunidades, fazendo projeções e pensando suas escolhas em relação a arranjos extensos de relações que incluem muitas pessoas.

A ideia de estratégia, utilizada para falar dessas escolhas sobre como ganhar dinheiro e planejar o futuro, tem o risco de sugerir uma racionalidade calculadora, o que, como se procurou mostrar no texto, não é o caso das pessoas em Aliança. Buscou-se frisar justamente a capacidade de enxergar no longo prazo e planejar. Mais do que tudo, mostrar que a lógica econômica é inseparável das relações de afeto, das obrigações entre as casas e das moralidades que as unem.

Quando citei no início do texto as “pequenas divisões” as quais é preciso evitar, uma delas me parece fundamental. Mesmo negando a existência de uma esfera separada da vida, é fácil se deixar levar, quando se trata de economia, por uma das bases mais importantes da grande divisão, que é a ideia de que

<sup>8</sup> Os trabalhos de Gonçalves (2012) e Correa (2012) abordam a questão da regulação estatal sobre a moradia nas favelas. Gonçalves mostra como o tratamento legal foi historicamente ambíguo e possibilitou que os moradores estivessem submetidos às vicissitudes das disputas políticas no Rio de Janeiro e aos interesses das classes dominantes. Correa por seu lado se preocupa com a distância entre o direito estatal e o direito real, particularmente o “direito de laje”, apontando o primeiro como um fator de exclusão do direito à moradia e o segundo como forma de lidar com ele na prática.

os sujeitos da economia são indivíduos. Na Aliança as casas são os elementos significativos que permitem dar inteligibilidade à economia cotidiana.

Duas outras questões merecem destaque, especialmente quando se trata de colocar em relação estas análises e a reflexão sobre o desenvolvimento. A primeira delas trata da dicotomia formalidade/informalidade. A lente da informalidade ao mesmo tempo em que é uma homogeneização simplificadora da economia da favela, estabelece uma distinção dicotômica, que teria nas regulações estatais o seu parâmetro. As regulações estatais são um dos elementos que participam na conformação da economia da Aliança, ou melhor, são um fator entre outros que compõem um universo de possíveis no qual as pessoas se movem.

A segunda é especialmente relevante quando se trata de discutir especificamente as políticas para as favelas. Existem diversas combinações entre formas de ganhar dinheiro seja de forma simultânea, seja ao longo da vida. O assalariamento e o engajamento em negócios podem suceder segundo uma dinâmica complexa de fatores que vão desde a conjuntura econômica do país, até o momento do ciclo de vida, o fato de haver propriedade imobiliária, diferenças entre possibilidades para homens ou mulheres. As ideias de segurança do trabalho assalariado e da autonomia do negócio não são excludentes e nem representam ideais de vida. São princípios constantemente negociados. Seria equivocado, pois, atribuir aos moradores da favela um *ethos* empreendedor exclusivo ou o desejo constante por um trabalho com salário.

Um aspecto que não foi possível explorar a fundo no texto, mas que é central na compreensão da economia a partir das casas é a centralidade das mulheres, responsáveis por colocar em movimento grande parte dos circuitos de dinheiro e trocas na favela. Weiner (1992) mostrou como a observação das práticas das mulheres e de seu ponto de vista desafia modelos explica-

tivos. Para a autora a subordinação feminina, mostrada como conclusão da observação, se mostra mais que tudo um pressuposto implícito que não permite enxergar a complexidade das trocas e das relações de poder. Seguindo os argumentos de Weiner, a perspectiva feminina desta pesquisa vai na direção de buscar uma maior inteligibilidade deste universo social, em que mulheres são os principais agentes na gestão da casa, do cuidado e das trocas cotidianas. Assim como sugere Carsten (1995), as mulheres não se ligam à casa numa oposição em relação a um suposto espaço “público”, mas por meio de práticas cotidianas que põem em movimento os circuitos que estão na base da economia cotidiana da Aliança.

Existe uma relação dos conceitos e das formas de conceber os problemas com as preocupações diferenciais sobre as demandas de grupos sociais distintos. Uma concepção normativa do mundo social está relacionada à imposição de valores, representações e ideias de um grupo social sobre outros. Não se pode pretender levar em conta segmentos sociais como as favelas na concepção do desenvolvimento da Região Sudeste ou do país, se não estivermos dispostos a repensar o arcabouço segundo o qual são estudados, pensados e considerados como objeto das políticas. Um desenvolvimento comprometido também com essas pessoas deve ser capaz de incorporá-las e sua integralidade como sujeitos. Essa não é uma questão meramente abstrata. Grande parte das políticas públicas é concebida como se essas pessoas não fizessem parte de sistemas econômicos complexos e socialmente relevantes, por exemplo, ou como se não fossem capazes de gerir suas finanças de forma eficiente. Se estão baseadas em preceitos equivocados, não há chance de que possam gerar bons resultados. O mais comum é que se atribua aos moradores das favelas o fracasso das tentativas de melhorar suas vidas, quando o problema é que comumente não se sabe quase nada sobre as vidas que se quer melhorar.



## REFERÊNCIAS

CARSTEN, J. The substance of kinship and the heat of the hearth: feeding, personhood and relatedness among Malays of Pulau Langkawi. *American Ethnologist*, 22(2), p. 223-241, 1995.

CARSTEN, J.; HUGH-JONES, S. Introduction. In: CARSTEN, J.; HUGH-JONES, S. (ed.). *Levi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CAVALCANTI, M. *Of shacks, houses, and fortresses: an ethnography of favela consolidation in Rio de Janeiro*. PhD thesis. University of Chicago, 2007.

CORREA, C. F. Direito de laje: a invisibilidade do direito fundamental de morar nas favelas cariocas. In: MELLO, M. A. et al. (ed.). *Favelas cariocas ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 313-328.

DUFY, C.; WEBER, F. *Mas allá de la Gran División: sociología, economía y etnografía*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2009.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Braga: Edições 70, 1980.

GONÇALVES, R. S. Da política da 'contenção' à remoção: aspectos jurídicos das favelas cariocas. In: MELLO, M. A. (ed.). *Favelas cariocas ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 253-277.

GUYER, J. *Marginal gains: monetary transactions in Atlantic Africa*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Histórico fundiário e de urbanização do Complexo do Alemão. Relatório de pesquisa, 2013*. Mimeo.

LÉVI-STRAUSS, C. Maison. In: BONTÉ, P.; IZARD, M. (org.). *Dictionnaire de L'Ethnologie et de L'Anthropologie*. Paris: PUF, 1991. p. 434-436.

MARCELIN, L. H. *A invenção da família afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil*. PhD thesis, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 5(2), p. 31-60, 1999.

MCCALLUM, C.; BUSTAMANTE, S. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. *Etnográfica*, 16(2), p. 221-246, 2012.

MOTTA, E. Houses and economy in the favela. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 11, n. 1. Jan.-Jun. 2014. Brasília: ABA, 2014. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v11n1/eugenia-motta-housesand-economy-in-the-favela/>>. Acesso em: 2 set. 2014.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca – a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15(44), p. 5-34, 2000.

\_\_\_\_\_. *A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

WEINER, A. *Inalienable possessions. The paradox of keeping-while-giving*. Berkeley: University of California Press, 1992.